

A ESCOLHA DO OBJETO DE PESQUISA EM HISTÓRIA REGIONAL

Maurílio Rompatto*

Resumo

No presente artigo procuro discutir o problema da escolha do objeto de pesquisa em história regional. Em se tratando de História do Paraná, a maioria dos historiadores tem-se ocupado com as tradicionais regiões Norte, Sul e Sudoeste, principalmente sobre o processo de ocupação da terra nessas regiões e os conflitos daí decorrentes, tais como: o Contestado no Sul do Paraná e Oeste de Santa Catarina entre 1912 e 1916; a luta pela terra em Porecatu em 1952; a revolta dos posseiros no Sudoeste entre 1957 e 1958, e a colonização da Cia. Colonizadora Norte do Paraná S/A no Norte e Noroeste do Estado. Enfim, são inúmeros os trabalhos acadêmicos sobre o processo de ocupação dessas regiões — enquanto isso, outras regiões vão ficando relegadas ao esquecimento, como aliás é o caso do Vale do Piquiri, no Oeste do Estado.

PALAVRAS-CHAVE: Objeto de Pesquisa, Memória Histórica, História Regional.

Abstract

In this essay I discuss the problem of picking up a research subject in regional history. When it comes to the History of [the State of] Paraná, Brazil, most historians are busy with the more traditional areas in this State (the North, South and Southwest), writing mainly on the process of land occupation in those areas and its concurrent conflicts, such as the Contestado in the South of Paraná and West of Santa Catarina between 1912 and 1916; the

struggle for land in Porecatu in 1952, the squatters revolt in the Southwest in 1957-58, and the case involving the Cia. Norte Colonizadora do Paraná S/A, in the North and Northwest of the State. Finally, there are countless published papers on the process of occupation of those areas, while other parts of the State are relegated to forgetfulness, as is the case with the Piquiri Valley, in the West of the State.

KEY WORDS: Research Subject; Memory and History; Regional History.

Introdução

O presente artigo é uma pequena parte da fundamentação teórica de minha dissertação de mestrado em História, defendida na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em agosto de 1995.

O que me levou a propor a publicação deste artigo é o fato de uma colega de trabalho, ao pretender ingressar-se em um programa de estudos pós-graduados em nível de mestrado, ter-me revelado sua preocupação quanto à definição do objeto a ser pesquisado. Essa preocupação que aliás é comum a todos, fez-me repensar a trajetória de minha pesquisa e a necessidade de expô-la na forma de artigo para, quem sabe, deste modo, prestar minha contribuição àqueles que ainda não escolheram seu objeto de pesquisa apesar do interesse em cursar uma pós-graduação.

A relação do sujeito com o objeto

Logo que me vinculei ao Curso de Mestrado do Programa de Estudos Pós-Graduados em

*Doutorando em História - Docente da UNIPAR

Endereço: Rua Barão do Cerro Azul, s/nº - CEP 87.706-506 - Paranavaí - PR.

História da PUC-SP, no início de 1993, pensei ter definido meu objeto de pesquisa através da temática “*O encontro das frentes pioneiras de ocupação e de colonização no Paraná jovem, ou o Paraná Moderno*”. A partir do segundo semestre de 1993, o contato com os conteúdos das disciplinas, *Núcleo de Pesquisa*, ministrada pela professora doutora Yara Maria Aun Khoury e *Cultura e Trabalho*, sob responsabilidade da professora doutora Maria Antonieta Antonacci e o contato mesmo com a pesquisa orientada pela professora doutora Estefânia K. Canguçu Fraga, o objeto de pesquisa foi se modificando e tomando contornos inimagináveis.

Foi no curso de graduação (na Universidade Estadual de Maringá), sobretudo ao cursar a disciplina História do Paraná, com a Professora Pós-doc, Evandir Codato, que eu, pela primeira vez, tive contato com a temática “*O encontro das frentes pioneiras de ocupação e de colonização no Paraná jovem, ou o Paraná Moderno*”. O estudo de algumas obras do professor Ruy C. Wachowicz¹ foi decisivo para a escolha desta temática, principalmente a leitura de seu artigo “As Frentes Pioneiras”, publicado em 1986, através do qual o autor expõe a questão:

Frentes pioneiras na história. Taí uma temática que só quem lida realmente com história regional sabe que é difícil fazer história atual (...). O Paraná é um Estado ainda jovem, recentemente ocupado.(...) Hoje trago um mapa. É o mapa que fiz das regiões culturais do Estado do Paraná, tomando-se por base a procedência da população que ocupou o Estado. Aí vocês vêm o Paraná tradicional, o velho Paraná. O Paraná do Caboclo, o Paraná do luso-brasileiro,

*o Paraná do africano e o Paraná do imigrante. No Norte, está a população que entrou no Estado atraída pelas terras roxas. É a frente cafeeira. A rigor, já no século passado, esta frente já estava presente no Estado. A terceira região é a que chamo de frente sulista, oriunda do Rio Grande do Sul e de Santa Catarina.*²

Wachowicz afirma que tais frentes pioneiras, quando se encontraram no interior Oeste do Paraná, seus integrantes passaram a estereotipar uns aos outros. O colono de origem sulista passou a denominar o de origem “nortista” de pêlo-duro e, por sua vez, o de origem nortista a denominar o sulista de “gringo”.

Em Marechal Cândido Rondon, Oeste do Estado, Wachowicz constatou, inclusive, algumas tensões culturais oriundas desse encontro, quando...

*[...] Na Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas de Marechal Cândido Rondon apareceu uma professora com título de mestre, pêlo-duro (do Norte). Foi aceita, mas depois em conversa particular no cafezinho, ela chamou atenção: - Escuta, por que vocês não procuram pronunciar o português mais corretamente? O português do pessoal de lá é carregado de erres. Onde não precisam carregam e onde precisam não carregam. Os dirigentes da Faculdade se defenderam de tal maneira que botaram a professora na rua [...].*³

Por ser natural de Formosa do Oeste, município oriundo da frente cafeeira “nortista”, vizinho de Nova Aurora - onde predominou na época da colonização o elemento de origem sulista - e por ter

1. Mestre em História do Brasil pela UFPR (Universidade Federal do Paraná). Livre docente pela UFPR. Professor Titular de História Antiga e Medieval no Departamento de História da UFPR. Membro do Conselho Estadual de Editoração da SECE. Ex-secretário regional da SBPC-Paraná. Autor de várias obras como: *História do Paraná: Compêndio Didático; Abranches: um estudo de história demográfica; Orleans, um século de subsistência; Tomás Coelho, uma comunidade camponesa; O Camponês Polonês no Brasil; Obrageros, mensus e colonos; História do Oeste paranaense; Universidade do mate, história da UFPR; Paraná, Sudoeste: ocupação e colonização.*

2. WACHOWICZ. Ruy C, “As Frentes Pioneiras”, in: *História do Paraná* (série Idéias em Debates) SECE/Biblioteca Pública do Paraná, 1986, p. 138. “Quando em dezembro de 1984, por ocasião do 30º Aniversário do Biblioteca Pública do Paraná, o historiador Ruy Wachowicz propôs a realização de um curso sobre aspectos da História do Paraná (...) pouco desenvolvidos na bibliografia existente sobre a história do Estado, e que seriam expostos e debatidos por professores dos Departamentos de História, Antropologia, Métodos e Técnicas de Educação da Universidade Federal do Paraná”. Eugênia de Souza Chedid, “Apresentação”, *Op. Cit.* p.7.

3. Idem. *Ibidem*, pp. 154-155.

vivenciado tal relação sócio-cultural estereotipada do “pêlo-duro” com o “gringo”, propus, inicialmente, a pesquisar “*o encontro das frentes pioneiras*” naqueles dois municípios oestinos.

Com esse propósito, fui para a região Oeste com gravador e fitas, e “*de cabeça feita*”, como diz a professora Irmã Leda⁴, na intenção de ouvir *gringos e pêlos-duro*.

Por precaução metodológica, não induzi nenhum dos entrevistados a falar sobre tais estereótipos. Minha preocupação era saber sua origem ou procedência, obter depoimentos sobre os primeiros anos de vida no sertão, as dificuldades e os problemas enfrentados. Com tal propósito consegui ouvir e gravar muito pouco à respeito do que tinha planejado. Curiosamente, a maioria dos depoimentos convergia para as dificuldades encontradas por cada ex-posseiro na posse e propriedade da terra e nela assentar-se.

O depoimento do presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Nova Aurora, José Xavier Neto, é expressivo, neste sentido, ao afirmar que “*as dificuldades enfrentadas pelos pioneiros foram tantas que tiveram que se unir para superar tais dificuldades, superando inclusive as diferenças culturais ou regionais que existiam entre eles.*”

A família Bállico tem sido o maior exemplo de resistência às dificuldades enfrentadas pelos pioneiros e que se encontra preservada na memória popular daquela região. Em 1968, época da colonização, essa família teve sua propriedade tomada por grileiros de terra. Cansada de lutar na justiça pela reintegração de posse, em 1991, decidiu reaver, através de armas, a posse das terras perdidas. Esse fato resgatou, em Nova Aurora, a lembrança, até então adormecida, da grilagem da terra por poderosos grupos econômicos que atuaram na colonização da área. A prefeitura do Município preocupou-se em propagar a versão da história oficial local, ocultando, entretanto, a luta de muitas outras famílias posseiras durante o processo de sua colonização.

Mas o caso Bállico fez emergir a lembrança de muitos outros casos de violências cometidas por grileiros contra posseiros no processo de luta e colonização da terra em Nova Aurora. Na fase inicial de meu projeto, o embate entre grileiros e posseiros não fazia parte dos objetivos de minha pesquisa.

Predominantemente, as falas dos entrevistados revelavam a luta pela terra. A relação entre sulista e nortista não se constituía o foco principal de sua memória. Por tal razão, procurei concentrar-me neste objeto de estudo, pois constatei que este era o mais significativo tema para os entrevistados. Definiu-se, assim, meu objeto de pesquisa, que passou a ser o *estudo das memórias da luta pela terra em Nova Aurora, Paraná, a partir dos anos 50*.

A não existência de qualquer trabalho acadêmico sobre o assunto foi outro fator que pesou em minha decisão de analisar as experiências de luta pela terra em Nova Aurora e, através delas, focalizar aquela parte do Oeste do Paraná - isto é, o Vale do Piquiri - na produção historiográfica paranaense. Até então, nenhum pesquisador havia dado devida ênfase às especificidades da ocupação da terra naquela região. A maioria dos historiadores do Paraná tem se preocupado com a história do Norte, Sul e Sudoeste, em níveis de micro-regiões, como o próprio Wachowicz, e se esquece do Vale do Piquiri, Oeste do Estado.⁵

Iniciei o trabalho de pesquisa coletando depoimentos orais daquelas pessoas residentes em Nova Aurora, desde a década de 50. Elegi para entrevistas pessoas que se conhecem, portanto, desde a época da colonização. Tão logo um pioneiro narrava um caso de grilagem de terra, já indicava outro que deveria ser entrevistado. Foi assim, por exemplo, que Clarin Boaretto e seu compadre Clemente Dariva, ao darem seus depoimentos, indicaram o presidente do Sindicato, José Xavier Neto. Este, por sua vez, passou-me uma lista com nomes e endereços de pessoas consideradas pioneiras, apontando, desse modo, a direção de novas entrevistas.

4. Irmã Leda Maria Pereira Rodrigues, destacada professora e pesquisadora do Programa de Estudos Pós-Graduados em História da PUC-SP.

5. O elenco da produção acadêmica sobre o Paraná, constante na bibliografia final, revela o enfoque das temáticas pesquisadas.

Neste processo de descoberta e revelação dos atores da história local, em determinada ocasião, Clemente Esser apresentou-me à família Bállico e esta, por sua vez, levou-me até José de Oliveira e “João do Norte”. E assim, espontaneamente, os pioneiros de Nova Aurora foram colaborando para que boa parte deles participassem do resgate da memória local.

Esse procedimento não foi diferente em relação à descoberta da documentação impressa (recortes de jornais, revistas e processos judiciais). Durante a entrevista com Clarin Boaretto, ele fez questão de tecer comentários sobre a revista *Nova Aurora: Sua História, Sua Gente*⁶, que, a pedido da Prefeitura Municipal, fora escrita pelo seu sobrinho Carlos Valmor Bazanella. Do mesmo modo, Clemente Esser, durante seu depoimento, retirou do fundo de um velho baú, um exemplar amarelado pelo tempo, do Diário Oficial do Estado do Paraná, de 5 de agosto de 1958. O documento anunciava os nomes dos posseiros (inclusive o seu), que haveriam de receber os títulos de terra do governo e que, no entanto, não os receberam, porque os documentos foram desviados pelos governantes para as mãos de especuladores imobiliários, notadamente grileiros e colonizadores.

Foi com idêntico entusiasmo que José, Jacy, Adão, Lourdes, Laudir e Laumir Bállico, fizeram questão de vasculhar, em seus pertences, documentos, recortes de revistas e jornais com matérias publicadas sobre suas lutas pela reintegração de posse da terra grilada na época da colonização.

Portanto, a evidência oral revelou também uma farta documentação escrita que, somada às entrevistas, viabilizou a pesquisa. Nesse sentido, foi de suma importância o apoio do texto do historiador inglês Raphael Samuel, “*História Local e História Oral*”. Segundo Samuel: *A evidência oral pode também ajudar a trazer os resíduos da cultura material*” e possibilitar ao historiador [...]

*aproveitar mais da documentação existente[...]*⁷ Assim, a partir dos primeiros contatos com as fontes, de reflexões sobre o tema que fora inferido da fala dos entrevistados, de novas leituras e releituras, de discussões com colegas e professores durante os cursos realizados no programa do Mestrado, fui montando um novo quadro de referências teórico/metodológicas que passaram a sustentar o encaminhamento da pesquisa.

As novas reflexões sustentaram-se em alguns textos, entre eles “*O termo ausente: experiência*” de E. P. Thompson, onde o autor mostra a importância de considerar nos depoentes, pessoas [...] *tão determinadas em seus valores quanto o são em suas idéias e ações, [...] tão sujeitos de sua própria consciência afetiva e moral quanto o são de sua história geral...*”⁸. Outra obra de E. P. Thompson, igualmente fundamental para este trabalho. “*A Formação da Classe Operária Inglesa*”, levou-nos a repensar o conceito de classe social. Thompson nos indica que [...] *não podemos entender a classe a menos que a vejamos como uma formação social e cultural.*”⁹ Essa linha de reflexões e os novos enfoques teóricos propostos pelo autor embasaram meu propósito de resgatar as experiências de vida das pessoas entrevistadas. Em Nova Aurora, a memória da luta pela terra não é exclusiva dos velhos que participaram do processo de ocupação e de colonização da região. Entre os jovens habitantes, a tradição oral assegurada pelos pais ou avós, de certo modo, faz com que se identifiquem com os pioneiros através da narrativa da luta pela terra.

Portanto, a oralidade foi um importante referencial para a minha pesquisa. De acordo com Walter Benjamin, em seu texto “*O Narrador*”, é de se considerar que “*...narrar histórias é sempre a arte de as continuar contando.*”¹⁰ Segundo ele: “*o narrador colhe o que narra na experiência própria ou relatada. E transforma isso outra vez em experiência dos que ouvem sua história.*”¹¹

6. BAZANELLA, Carlos V. *Nova Aurora, Sua História, Sua Gente*. Nova Aurora. Thatiane Edições Jornalísticas, 1984.

7. SAMUEL, Raphael. *História Local e História Oral*. In: Revista Brasileira de História, nº 19. São Paulo: Marco Zero, 1990, p. 231.

8. THOMPSON, E. P. *A miséria da teoria - um planetário de erros (uma crítica ao pensamento de Althusser)*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981, p. 194.

9. Idem. *A formação da classe operária inglesa*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 12.

10. BENJAMIN, Walter. *O narrador: considerações sobre a obra de Nikolai Leskow*. São Paulo: Abril Cultural, 1983, p. 62.

11. Idem, *ibidem*, p. 67.

Deste modo, aproveitei os depoimentos dos filhos dos pioneiros, justamente para confrontá-los com as histórias contadas pelos pais e compará-las à história da colonização veiculada pelos meios oficiais da imprensa. Com isso, as fontes foram sendo construídas no próprio processo da pesquisa.

Como se trata da primeira pesquisa acadêmica sobre a História de Nova Aurora, uma região de conflito de terras pouco divulgada, foi providencial e indispensável a contextualização regional do assunto, objeto de minha pesquisa. Para tanto, analisei os movimentos migratórios que resultaram na ocupação da terra pelos posseiros, bem como os interesses de grupos econômicos em se apossar da área de terras ocupada e as tensões sociais geradas entre os ocupantes da terra e esses grupos econômicos.

As fontes utilizadas como referencial para discutir e analisar tais questões são constituídas de obras da produção acadêmica e de relatos orais. Foram consultados autores clássicos sobre as tensões sociais no campo, entre outros, Octávio Ianni¹, José de Souza Martins² e J. F. Fawraker.³, de modo genérico, e Rubem Murilo Leão Rego⁴, Cecília Westphalen⁵, Ruy C. Wachowcz⁶, de modo específico.

As *Experiências de Luta e Resistências dos posseiros para não serem expulsos da terra*, foram questões importantes levantadas e fundamentadas basicamente nos depoimentos orais. Analisei os casos individualizados e coletivos de luta e resistência da família posseira para continuar na terra diante da expropriação desencadeada por empresas colonizadoras, grileiros e pelo Estado.

Nesse caso, foi preciso construir um diálogo com os emissores dos depoimentos orais. O trabalho metodológico de resgate da experiência de luta e resistência narrada pelos seus próprios agentes, no caso os pioneiros ou ex-posseiros,

orientou-se pelos referenciais das obras de E. P. Thompson, já mencionadas. A elas acrescentou-se a colaboração de Maria Isaura Pereira de Queiroz, através de seu texto "*Relatos Oraís: Do indizível ao dizível*."¹⁶

Para analisar a relação existente entre *A Memória e a História*, recorri tanto às fontes escritas como às orais e expus a relação existente entre essas duas possibilidades de se trabalhar a história - indispensáveis no estudo da história regional - além de outras fontes que podem surgir no decorrer mesmo da pesquisa.

No que diz respeito às fontes escritas, a revista "*Nova Aurora: Sua História, Sua Gente*", foi o principal documento pesquisado. A opção deveu-se ao fato de ser uma publicação da Prefeitura Municipal, que trata, portanto, da história da colonização de Nova Aurora sob a ótica oficial.

Para melhor compreender esse ângulo de análise, busquei nas lembranças dos velhos pioneiros que ainda residem em Nova Aurora "*os elementos de memória que têm relação com os fatos da história*" em, contraposição à história veiculada pelos meios oficiais, segundo indicação dos resultados do trabalho de Antônio Torres Montenegro.¹⁷

Para analisar as versões da história de Nova Aurora, a popular, que se faz presente na tradição oral e a oficial que está na revista, além de usar as referências dadas por Montenegro, também me apoiei em obras de outros autores.

No trabalho com fontes orais, coletei ao todo vinte e cinco depoimentos. A maioria dos depoentes foi constituída, como foi dito anteriormente, por pioneiros que foram posseiros em Nova Aurora, na década de 50, época de sua ocupação e colonização. Mesmo as conversas informais com pioneiros, cujo nome não quiseram revelar, muito contribuíram para a realização da pesquisa.

12. FOWRAKER, J. F. *A Luta Pela Terra: a economia da fronteira pioneira do Brasil de 1930 aos dias atuais*. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.

13.- REGO, Rubem Murilo Leão. "Tensões Sociais na Frente de Expansão: a luta pela terra no Sudoeste do Paraná - 1940/1970". In: SANTOS, José Vicente T. dos (org.) *Revoluções camponesas na América Latina*. Campinas, Editora da Unicamp., 1985.

14. WESTPHALEN, Cecília M. et Alii. *Nota Prévia ao Estudo da Ocupação da Terra no Paraná Moderno*. Boletim da Universidade Federal do Paraná, nº 7. Curitiba: 1968.

15. WACHOWICZ, Ruy C. *Op. Cit.*, pp. 138-156.

16. QUEIROZ, Maria Isaura Pereira de - *Relatos Oraís: Do indizível ao dizível*. São Paulo: EDUSP, 1985.

17. MONTENEGRO, Antônio Torres. *História Oral e Memória: a cultura popular revisitada*. São Paulo: Contexto, 1992, p. 20

Conclusão

O principal objetivo deste trabalho foi provocar, entre os pesquisadores de história, interesse maior pelo estudo da história regional. A própria pesquisa, o contato com os depoentes e a documentação existente, revelaram que ainda existe muito a ser escrito sobre a Região Oeste.

Há inúmeras possibilidades de se trabalhar a história da região, farta não só em documentação escrita, mas, por ser resultante de colonização recente, é facilitada a pesquisa com fontes orais. Há gerações que nela vivem desde a fase inicial de sua ocupação, quando para lá dirigiram-se com a expectativa de conquistar a propriedade da terra. Portanto, essas pessoas têm muito o que narrar sobre a história de seus municípios. Foi o que fizeram e ainda fazem os habitantes de Nova Aurora.

Em Nova Aurora, como se evidenciou no decorrer da pesquisa, o narrar é contar as dificuldades enfrentadas no processo de luta pela terra e a experiência de vida adquirida na colonização, questão essa em torno da qual se definiu meu objeto de pesquisa.

Bibliografia

- BENJAMIN, Walter. **O narrador**: considerações sobre a obra de Nikolai Leskow. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- BERNARDES, Lysia Maria Cavalcante. **O problema das frentes pioneiras no Estado do Paraná**. Rio de Janeiro, Revista Brasileira de Geografia, Jul./set. 1953.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BOSI, Ecléa. **Memória e sociedade**: lembranças de velhos. São Paulo: Quatro Rodas, 1983.
- CANCIAN, Nadir A. **Cafecultura paranaense - 1900/1970**. Curitiba: Grafipar/SECE, 1981.
- CARDOSO, Jayme A. & WESTPHALEN, Cecília M. **Atlas Histórico do Paraná**. Curitiba: Indústria Gráf. Projeto, 1981.
- COLODEL, José A. **Obrages, companhias colonizadoras**. Cascavel: Educativa, 1988.
- CHAUÍ, Marilena. **Apresentação**. In: Ecléa Bosi. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**, São Paulo: Quatro Rodas, 1983.
- . **Conformismo e resistência**: aspecto da cultura popular no Brasil. São Paulo: Brasiliense, 1993.
- DAVIS, Natalie Z. **Culturas do Povo**: sociedade e cultura no início da França moderna. Rio de Janeiro: Zahar, 1992.
- DOSSE, François. **A história em migalhas**. Campinas: Ensaio, 1992.
- FENELON, Déa Ribeiro. **O historiador e cultura popular**: uma história de classe ou história do povo? PUC/SP. 1991.
- FERRAZ, Salvador. **Transformações recentes na agricultura paranaense**. Curitiba: SEAB, 1982.
- FORMAN, Shepard. **Camponeses**: sua participação no Brasil. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.
- FOWRAKER, J. W. **A luta pela terra**: a economia da fronteira pioneira do Brasil de 1930 aos dias atuais. Rio de Janeiro: Zahar, 1982.
- GOMES, Iria Zanoni. **1957**: a revolta dos posseiros. Curitiba: Criar Edições, 1987.
- HALBACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.
- HOBSBAWN, E. J. **Mundos do trabalho**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.
- HUNT, Lynn. **A nova história cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- IANNI, Octávio. **A luta pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1979.

KHOURY, Yara Aun et Alli. **A pesquisa em história.** São Paulo: Ática, 1989.

LOPES, José Sérgio Leite. **Cultura e identidade operária:** aspectos da cultura da classe trabalhadora. São Paulo: Marco Zero, 1987.

LE GOFF, Jacques. **História e memória.** Campinas: Editora da Unicamp, 1990.

———. **Ensaio de Ego-história.** Lisboa: Edições 70, 1989.

MARTINS, José de Souza. **Expropriação e violência,** São Paulo: Hucitec, 1982.

———. **Dominação e expropriação:** o messianismo na resistência política do subalterno. In: Roteiro - Revista da Fundação do Oeste Catarinense - FUOC - ano II, n.º 5, Joaçaba-SC, 1981.

MARTINS, Wilson. **Um Brasil diferente:** ensaio sobre os fenômenos de aculturação no Paraná. São Paulo: Anhembi, 1955.

MARTINS, Romário. **História do Paraná.** São Paulo: Rumo, 1939.

MONTENEGRO, Antonio Torres. **História oral e memória:** a cultura popular revisitada. São Paulo: Contexto, 1992.

MULLER, Keith Deiral. **Colonização pioneira de Toledo.** Rio de Janeiro, Revista Brasileira de Geografia, Jan./mar, 1986.

PADIS, Pedro C. **Formação de uma economia periférica:** o caso do Paraná. São Paulo: Hucitec, 1981.

PAOLLI, Maria Célia. **Apresentação.** In: Teresa Caldeira. **Memória e Relato:** A Escuta do Outro. São Paulo: DPH, 1992.

PERROT, Michelle. **Os excluídos da história.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

QUEIROZ, Maria Izaura Pereira de. **Relatos orais:** do indizível ao dizível. São Paulo: EDUSP, 1985.

———. **A guerra santa no Brasil:** o movimento messiânico do Contestado. São Paulo: Brasiliense, 1980.

QUEIROZ, Maurício Vinhas de. **Messianismo e conflito social.** Rio de Janeiro: Brasileira, 1966.

SADER, Eder. **Quando novos personagens entram em cena:** experiências e lutas dos trabalhadores na grande São Paulo. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1991.

SAMUEL, Raphael. **História local e história oral.** Revista Brasileira de História, número 19, São Paulo: Marco Zero, 1990.

SANTOS, José Vicente T. dos (org.). **Revoluções camponesas na América Latina.** Campinas. Editora da Unicamp, 1985.

SILVA, Marco A. da (coord.). **República em migalhas:** história regional e local. São Paulo: Marco Zero, 1990.

SOUZA, João Carlos de. **Cultura e valores:** representação dos ocupantes de terra na zona leste de São Paulo. São Paulo, mestrado PUC/SP, 1993.

SPERANÇA, Alceu. **Cascavel - a história.** Curitiba: Lagarto, 1992.

THOMPSON, E. P. **A formação da classe operária inglesa.** Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

———. **A miséria da teoria.** Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

THOMPSON, P. **A voz do passado:** história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

TOTA, Antônio Pedro. **Contestado:** a guerra do novo mundo. São Paulo: Brasiliense, 1983.

TOMAZI, Nelson de Souza. **Certeza de lucro e direito de propriedade:** o mito da Companhia de Terras Norte do Paraná. Dissertação de Mestrado. UNESP. Assis, 1991. (mimiografado).

VINHAS, Moisés. **Operários e camponeses na revolução brasileira**. São Paulo: Fulgor, 1963.

WACHOWICZ, Ruy C. **“As Frentes Pioneiras”**. In: História do Paraná (série Idéias em Debates). Curitiba: SECE/Biblioteca Pública do Paraná, 1986.

———. **Obrageros, mensus e colonos** - História do Oeste Paranaense. Curitiba: Vicentina, 1982.

WESTPHALEN, Cecília et alii. **Nota prévia ao es-**

tudo da ocupação da terra no Paraná moderno. Curitiba: Boletim da UFPR, nº 7, Conselho de Pesquisa. Departamento de História da Universidade Federal do Paraná, 1968.

WILLIAMS, Raymond. **O campo e a cidade na história e na literatura**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

———. **Cultura**. Tradução Lólio Lourenço de Oliveira. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.